

O futuro do superávit

Neste ano, o Brasil volta a repetir sua boa performance em matéria de comércio exterior. A julgar pelos resultados acumulados até agora, ultrapassaremos a marca de US\$ 12 bilhões. Resta ver se existem condições para repeti-la no próximo ano.

Com efeito, alguns fatores começam a gerar preocupação. Pelo lado das commodities agrícolas, por exemplo, as perspectivas de mercado não são animadoras, com raras exceções. Uma delas é o café, em face da redução esperada da safra brasileira, a qual impulsionará os preços para cima. O problema é verificar se a perda de produção será suficientemente compensada pela tendência altista, o que dificilmente ocorrerá. O açúcar ensaiou uma reação de preços, mas essa carece de confirmação para tornar este mercado interessante para o Brasil, que só tem exportado mediante fortes subsídios.

Como será necessário realizar algumas importações para formar estoques preventivos, o saldo positivo que derivará do setor agropecuário será menos expressivo do que normalmente se poderia esperar. No plano dos produtos manufaturados, o acréscimo que se pensa permitir nas importações atuará no mesmo sentido. Apesar destes fatores, o governo acredita na obtenção de um saldo próximo daquele que será alcançado neste exercício.

Existem alguns fatores cujos efeitos não podem ser imediatamente avaliados e que pesarão no saldo esperado para 1986. Um deles é o comportamento do dólar em relação às demais moedas, principalmente agora que a correção cambial passou a ser atrelada ao novo índice de preços. Aliás,

este é outro efeito de difícil previsão. Aparentemente, os produtos exportáveis tenderiam a perder um pouco de competitividade, mas isso precisa ser efetivamente comprovado. De qualquer modo, as autoridades sempre poderão rever os critérios para determinar o câmbio. Mas convém ressaltar que uma política realista se faz necessária neste momento.

É possível que os custos de produção dos artigos de exportação evoluam, por exemplo, acima dos preços pagos pelos consumidores. Neste sentido, as exportações seriam prejudicadas. Inversamente, viriam a ser beneficiadas, mas de modo artificial, se os custos fossem inferiores à variação de preços ao consumidor. Em ambas as situações — apesar de a segunda ser favorável — a taxa cambial não refletiria com exatidão os fenômenos econômicos e isso não é recomendável em nenhuma circunstância. Nossos compradores poderiam alegar distorções nos preços estipulados, quando estes lhes fossem desfavoráveis, retrucando com as conhecidas ameaças protecionistas.

Em suma, será preciso manter, acima de tudo, uma presença suficientemente forte no mercado, já que o saldo positivo interessa sobremaneira ao equacionamento da dívida brasileira. No tocante às importações, o governo tem adotado medidas simplificadoras em termos administrativos, mas isso não significa que o crescimento será desenfreado, mesmo porque é preciso que exista uma contrapartida interna, ou seja, um maior dinamismo do mercado doméstico, condicionado diretamente pelo comportamento da inflação.